



TIAGO DO CACÉM

missão
Utentes critica
versão
Hospital

PÁG. 25

RA

baixador
Brasil

jecto Cultural

PÁG. 27

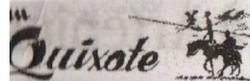
REMOZ

gimento
Cavalaria 3
nemora
anos

PÁG. 19

SEGUNDA-FEIRA

plemento
erário



PÁGS. 11 a 13

**CON ELHO
DO ALANDROAL**

“Arqueologia” das Aprendizagens

Passados quase dois anos, o Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora continua a fazer o levantamento sobre todas as aprendizagens formais e não formais, disponíveis e concretizadas pela população do concelho do Alandroal, na última década (1997/2007). Embora só termine em 2011, a equipa de investigação parece ter chegado a duas principais conclusões. De acordo com o responsável pelo projecto, Bravo Nico, existe a constatação de que as pessoas que não sabem ler, nem escrever foram desenvolvendo ao longo da sua vida, nos territórios onde vivem, determinados estilos de aprendizagem uns com os outros e com aquilo que está disponível no seu meio.

Leia na PÁG. 5



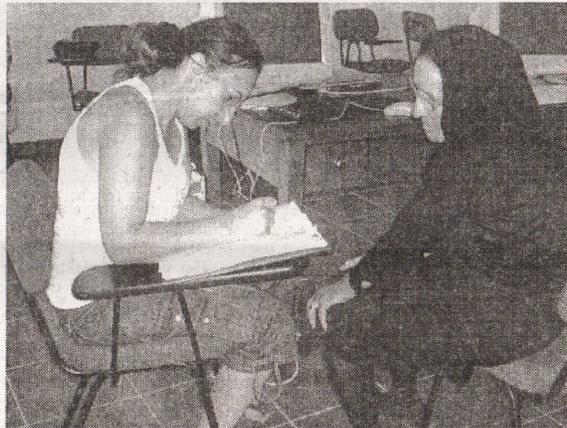
"Arqueologia" das Aprendizagens no Concelho do Alandroal continua em execução

"Há uma grande escola fora da escola"

■ Maria Antónia Zacarias

FOTOS EXCLUSIVAS
diário do SUL

Passados quase dois anos, o Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora continua a fazer o levantamento sobre todas as aprendizagens formais e não formais, disponíveis e concretizadas pela população do concelho do Alandroal, na última década (1997/2007). Embora só termine em 2011, a equipa de investigação parece ter chegado a duas principais conclusões. De acordo com o responsável pelo projecto, Bravo Nico, existe a constatação de que as pessoas que não sabem ler, nem escrever foram desenvolvendo ao longo da sua vida, nos territórios onde vivem, determinados estilos de aprendizagem uns com os outros e com aquilo que está disponível no seu meio. A outra tese é a de que a mulher analfabeta foi e é determinante na aprendizagem no seio familiar, ou seja, é a primeira a aprender de



cação e Psicologia da Universidade de Évora dentro desta linha de investigação que nós designamos de "Educação, Território e Desenvolvimento Local".

O problema do analfabetismo é transversal a toda a região, mas qual é a sua verdadeira dimensão?

De acordo com os Censos de 2001, no que diz respeito à taxa de analfabetismo, Portugal apresentava uma taxa média de 9,1 por cento, sendo que a do Aland-

ros para que esse conhecimento seja confirmado. A nossa proposta é que os Centros de Novas Oportunidades existentes nas escolas celebrem protocolos com o mundo institucional para que quando uma pessoa organiza as festas da aldeia lhe seja reconhecida essa actividade. O que nos move é também encontrar soluções para que estas aprendizagens sejam reconhecidas de forma a contribuímos para mudar alguma desta realidade.

sonhos dessas pessoas?

Esta Universidade poderá ser o braço que ajudaria a construir respostas de educação e formação para uma população adulta que não teve oportunidade de aprender quando era jovem, mas que hoje está disponível para aprender coisas como a assinatura do nome e para frequentar cursos mais especializados. Nós temos na Universidade de Évora pessoas das mais qualificadas que há e eu tenho a certeza que esta instituição está disponível para um dia ter uma nova missão. Para além de formar pessoas nos cursos de formação formal, está disponível para ir até à região para criar-se esta nova ala da educação não formal e conceber novas oportunidades para as pessoas aprenderem. É importante sublinhar que as pessoas querem aprender, valorizar-se e enriquecer-se. Como tal, pensamos que no próximo ano haja já algumas experiências no concelho do Alandroal.

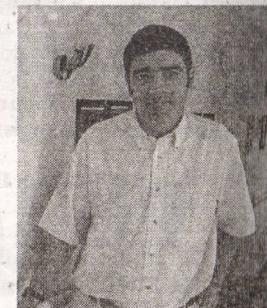
Todo este trabalho tem gerado muito interesse, sobre-

"É possível ao Alentejo estar no pelotão da frente das regiões europeias com índices de qualificação elevados"

Bravo Nico mostra-se optimista quanto ao futuro da região. Na sua opinião, é possível inverter a realidade do analfabetismo no Alentejo, afirmando estar dependente de todos nós. O professor universitário considera que temos meios técnicos, humanos, financeiros e um elemento que faltou sempre, mas que hoje existe e que é a motivação das pessoas. Deste modo, garante que se os alentejanos quiserem será possível, daqui a uma década, estarmos no pelotão da frente das regiões europeias com índices de qualificação muito elevados.

Será possível alguma vez o Alentejo ser uma região alfabetizada?

Acredito muito. A taxa de analfabetismo é elevada, mas



próprios activos e, por fim, possuímos uma sociedade civil que, pela primeira vez na história de Portugal, percebeu e sentiu a necessidade de aprender. As novas oportunidades, com todos os eventuais aperfeiçoamentos que se têm que fazer, foi o maior impulso que se deu à educação e qualificação dos adultos. Esta é uma nova realidade porque as pessoas sentem que a sua qualificação é funda-

formação em famílias onde há uma grande concentração de analfabetos e onde há pessoas mais novas alfabetizadas. O mesmo responsável garante que conhecida a realidade, é tempo de intervir, afirmando que o CIEP vai trabalhar com as pessoas para que algumas possam concretizar o sonho de aprender a ler e a escrever e outras ver reconhecidas os seus conhecimentos e enriquecê-los ainda mais.

Porque é que foi escolhido o concelho do Alandroal?

Teve a ver com critérios científicos, nomeadamente o facto de no Alandroal encontramos algumas das freguesias com menores índices de escolarização e altas taxas de analfabetismo. Para além disso, tem demograficamente um conjunto de população que é relativamente possível de trabalhar, pois estamos a falar de seis mil habitantes adultos, o que nos permite obter resultados objectivos e rigorosos. A juntar a isso foram-nos proporcionadas excelentes condições para podermos trabalhar, pois a Câmara Municipal disponibilizou toda a logística para nos apoiar na execução deste projecto, tendo-nos atribuído um gabinete no Fórum Transfronteiriço e Cultural onde estamos a trabalhar e um técnico superior para connosco trabalhar. Recorde-se que este estudo faz parte de um conjunto de projectos que temos em funcionamento no Centro de Investigação em Edu-

tejo era de 17,1 por cento. Se nós retirássemos do estudo do Alentejo, os concelhos de Évora, de Portalegre e de Beja, a taxa média de analfabetismo da nossa região subiria para mais de 20 por cento. Hoje, que estamos em 2009, a taxa já será provavelmente menor. Para isso contribuiu mais a mortalidade da população idosa, predominantemente analfabeta, do que a realização de iniciativas concretas de aprendizagens.

Até agora, o que diz a investigação sobre o modo como as pessoas do concelho de Alandroal adquiriam conhecimentos?

As pessoas aprenderam coisas ao longo da vida, mas a esmagadora maioria dessas aprendizagens não está certificada e não tem qualquer validade formal. Então, há aqui uma realidade que estamos a conhecer e é que há uma escola fora da escola. Os projectos educativos com que temos estado a contactar são pessoais, construídos nas associações culturais e desportivas, na banda filarmónica, nos clubes de caçadores, nas comissões de festas e na actividade empreendedora de fazer uma empresa familiar. No que concerne às instituições que disponibilizaram, nos dez anos em estudo, até agora identificámos mais de 600 aprendizagens, sendo que a maioria não é formal. Conhecida esta realidade temos que intervir, ou seja, temos que aperfeiçoar mecanis-

“Conhecer a realidade não basta, é preciso intervir”

Isso significa que após o estudo haverá lugar para uma intervenção com a missão de ajudar a colmatar os problemas identificados?

O que nos está no espírito é que a partir de 2011 tenhamos condições para que, uma vez terminado este projecto, possamos intervir nesta realidade e tentar ainda dar uma oportunidade de aprendizagem àquelas pessoas que nós, hoje, estamos a conhecer. Quando lhes perguntamos se tivessem uma oportunidade para aprender, se eles queriam ou não, a maior parte das pessoas diz: “Quero”. Portanto, perante isto, o investigador tem duas respostas possíveis, ou apenas estuda a situação, descreve-a, a diagnostica e classifica-a ou, uma vez feito isto tudo, arregaça as mangas e vai trabalhar com aquelas pessoas porque é um sonho que elas têm e é um direito que elas ainda não exerceram na sua plenitude. Esta intervenção terá o apoio da Câmara, das autarquias e talvez de um novo instrumento da Universidade de Évora, visto que na sua última revisão estatutária esta entidade criou a Universidade Sénior Túlio Espanca de que eu sou director.

Essa Universidade poderá ajudar na concretização dos

tudo a nível académico, não é verdade?

Sim. A participação de jovens estudantes, dos ensinos universitário e secundário, tem-se revelado um forte contributo para a execução atempada dos trabalhos no terreno, tendo contribuído para a respectiva formação científica, com óbvios benefícios para os respectivos percursos de aprendizagens individuais. Outra situação, que consideramos bastante positiva, é o facto de, do presente projecto de investigação, terem surgido sete projectos de investigação, ao nível de tese de doutoramento (dois) e de dissertação de mestrado (cinco).

Para além deste projecto, há outros em perspectiva?

Este ano, o Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora viu aprovado um outro que se intitula “As novas núpcias da qualificação no Alentejo”. Este tem como grande objectivo estudar, em todo o Alentejo, os impactos da qualificação que os adultos fizeram entre 2000 e 2005, através do processo de reconhecimento de competências, no âmbito das novas oportunidades. Queremos indagar sobre quais as consequências que essa qualificação teve na vida de cerca de 2.700 pessoas, na sua vivência social, cívica e profissional. A partir do ano que vem teremos este projecto a arrancar a nível regional.

também nós temos o realismo de perceber que nas próximas duas décadas a taxa irá reduzir-se significativamente pelas razões fisiológicas. Isto é, as populações idosas, que foram as que sofreram na pele o drama de não terem tido oportunidade de aprender a ler e a escrever, naturalmente irão deixar a nossa companhia e as novas gerações, felizmente, apresentam taxas de escolarização quase completas ao nível do ensino básico. Mas isso não basta, aliás esse tem sido o nosso fado desde sempre, esperar que as pessoas vão vivendo, evoluindo e vão morrendo para que a coisa vá melhorando. Nós temos que fazer um esforço enorme para qualificar a população do Alentejo. Não vai ser fácil, mas eu acho que é possível.

Como?

Hoje, o Alentejo tem uma cartografia de escolas públicas, privadas, de associações de desenvolvimento local, de instituições de ensino superior, de solidariedade social e associações juvenis que promovem formação formal com qualidade e certificada. Depois temos uma rede do Instituto de Emprego e Formação Profissional que é, hoje, muito presente no território, com grande mobilidade. Temos também algumas empresas que fazem a qualificação dos seus

mental na sua vida, não só para a sua realização pessoal, mas porque também sabem que um factor competitivo é a empregabilidade.

Acredita, enfim, que reunimos todas as condições para mudarmos a nossa realidade?

Penso que o Alentejo tem tudo para almejar ter um nível de escolarização, daqui a um década, que nos faça orgulhar todos e que nos leve a dizer que passámos de último para primeiro. Isto só depende de nós porque temos meios técnicos humanos, financeiros e um elemento que faltou sempre mas que hoje existe e que é a motivação das pessoas. Actualmente, o Alentejo só não tem desculpa se os alentejanos não quiserem fazer as coisas, só isso acontecer é que nós não conseguiremos dar o salto enorme e eu gostaria muito que os alentejanos pudessem, em 2020, olhar para si próprios e verem-se no pelotão da frente das regiões europeias com índices de qualificação elevados. Isso colocar-nos-ia numa vantagem competitiva muito forte e imprimiria um potencial de desenvolvimento económico, social e humano à nossa região. A nossa equipa está a trabalhar nesse sentido e está a dar o seu contributo para que isso seja possível. Assim todos façam o mesmo.



“Arqueologia” das Aprendizagens no Concelho do Alandroal

Este Suplemento é parte integrante do jornal «Diário do Sul» e não pode ser vendido separadamente

Projecto de investigação científica promovido pelo Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e apoiado pelo Diário do Sul

NO QUE CONSISTE ESTE PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA?



Bravo Nico
Investigador Científico

A actividade científica – em qualquer área do saber – é, muitas vezes, consequência da vontade do cientista encontrar resposta para questões que a realidade lhe suscita. Neste projecto – que denominamos de *Arqueologia das Aprendizagens no Alandroal* – também existiu, de facto, uma questão de partida que nos serviu de fardo:

Que aprendizagens terão estado disponíveis e foram concretizadas, num determinado espaço territorial (um concelho) e durante um certo período cronológico (uma década)?

Estávamos, pois, interessados em conhecer e caracterizar todo o universo das aprendizagens (de qualquer natureza e em qualquer circunstância) que uma determinada população terá concretizado, em dez anos, num determinado município.

Escolhemos, como território do nosso estudo, o concelho do Alandroal e, como período cronológico, a década limitada pelos anos de 1997 e 2007.

Assim nasceu este projecto e assim o desenhamos, quando, através do Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora (CIEPE), em 2006, o submetemos, à consideração da Fundação para a Ciência e Tecnologia, no sentido de o mesmo, em processo competitivo, pudesse ser avaliado e, eventualmente, merecer o necessário financiamento para ser concretizado. A decisão foi favorável e iniciámos, de imediato, os trabalhos no sentido de encontrarmos a resposta para a nossa questão de partida: O que se terá aprendido no Alandroal, entre 1997 e 2007?

Após termos estabelecido as fundamentais parcerias com a Câmara Municipal do Alandroal, todas as Juntas de Freguesia do concelho, a Direcção Regional de Educação do Alentejo, a SUÁO-Associação para o Desenvolvimento Comunitário e o Diário do SUL, inaugurámos, no Fórum Cultural Transfronteiriço do Alandroal, um gabinete local para dar apoio aos nossos trabalhos, num gesto de grande apoio, por parte da autarquia alandroalense.

No sentido de operacionalizarmos um processo científico para respondermos à nossa questão inicial, definimos os seguintes passos metodológicos:

- Realizar a Cartografia (Identificação e Caracterização) do conjunto de aprendizagens concretizadas pela população residente no concelho do Alandroal nos últimos dez anos (1997-2007);

- Avaliar a presença relativa dos contextos formais, não-formais e informais de aprendizagem, no conjunto de aprendizagens concretizadas pela população residente no concelho do Alandroal;

- Relacionar a rede local de ambientes de aprendizagem, no concelho do Alandroal, com o perfil de aprendizagem existente nos indivíduos aí residentes;

- Relacionar os contextos de vida (familiares, profissionais e comunitários) com as características das aprendizagens concretizadas nos últimos dez anos, por parte da população residente no concelho do Alandroal;

- Avaliar os impactos do investimento realizado em acções formais de Educação e Formação no concelho do Alandroal.

Na edição de hoje do Diário do SUL, começamos a descrever a nossa caminhada investigativa, na expectativa de que a história deste e nosso trabalho científico possa ser mobilizada para a Ciência e possa contribuir para a divulgação pública do que são e para que servem as chamadas Ciências da Educação.



A sessão inaugural do Projecto

A 1.ª FASE DO PROJECTO – O RECENSEAMENTO DAS INSTITUIÇÕES DO CONCELHO DO ALANDROAL



Antónia Tobias
Bolsista de Investigação

Com o intuito de identificar e caracterizar o conjunto de aprendizagens disponíveis para a população, os investigadores deslocaram-se a todas as freguesias do Concelho do Alandroal e identificaram 327 instituições. Entendeu-se por instituição toda a organização que possuísse número de identificação fiscal, como pessoa colectiva, como por exemplo: associa-

ções culturais e desportivas; bandas filarmónicas; clubes de caçadores; comissões de festas; restaurantes; o centro de saúde, entre outras que estão presentes no território do estudo e exerceram a sua actividade durante o período de tempo compreendido

entre 1997-2007. Podemos verificar, no Quadro 1, que, das 327 instituições identificadas, 291 foram inquiridas, prestando informação sobre a sua área de actividade, forma de organização, funcionamento e iniciativas de cariz formativo/educativo. A

maioria das instituições identificadas pertence ao ramo de actividade do comércio a retalho e da restauração. Sendo também representativo, neste território, o ramo de actividade agrícola, produção animal, caça, floresta e pesca.

	Instituições identificadas	Instituições Inquiridas
Juromenha	12	12
Capelins	18	17
Terena	45	40
S. Brás dos Matos	32	28
Santiago Maior	101	89
N. S. da Conceição	119	105
Total das Instituições	327	291



A 2.º FASE DO PROJECTO — O RECENSEAMENTO DAS APRENDIZAGENS DISPONÍVEIS NAS INSTITUIÇÕES DO ALANDROAL



Antónia Tobias
Bolsista de Investigação

Nas instituições inquiridas na 1.ª fase do projecto, foram identificadas 627 aprendizagens, como se apresenta no Quadro 2. Estas constituíram oportunidades de aprendizagem disponíveis para a população alandroalense, nos dez anos em estudo, sendo que a maioria foi de âmbito não escolar.

Os primeiros resultados do trabalho desta equipa começam a ficar disponíveis para a academia e para a comunidade, entre eles podemos destacar que temos verificado um elevado índice de aprendizagens no território que se encontra em estudo, nos mais variados domínios. Como atrás referimos, a maioria das aprendizagens identificadas localizam-se em contextos não escolares, o que demonstra a vitalidade institucional do concelho e nos revela, aqui e ali, a grande “Escola” fora da Escola.

Actualmente, estamos novamente neste concelho a inquirir as pessoas, para que possamos verificar qual a adesão das mesmas, às aprendizagens disponíveis e que impacto teve esse investimento qualificativo na sua vida.

Quadro 2: Aprendizagens Identificadas no Alandroal, por freguesia

	Aprendizagens identificadas
Juromenha	47
Capelins	30
Terena	69
S. Brás dos Matos	25
Santiago Maior	237
N. S. da Conceição	248
Total das Instituições	627

Experiências dos Investigadores

“O projecto de ‘Arqueologia’ das Aprendizagens no Alandroal é uma oportunidade de aprendizagem para todos, proporcionando o conhecimento de histórias de vida pessoais e institucionais diversificadas e, por isso, enriquecedoras pelos ensinamentos e valores que enformam”.

(Jardine Brites Nico, Direção Regional da Educação no Alentejo)

“Investigar tem sido ver além do que os nossos olhos e do que os nossos ouvidos nos transmitem... Tochar as vidas nos sentidos e encontrar significado em cada ‘globo de areia’... Conhecer histórias de vida e com elas aprender, crescer e engrandecer”.

(Luísa Carvalho, Doutoranda em Ciências de Educação)

“Participar no projecto Arqueologia das Aprendizagens tem-me permitido descobrir ‘rochas’ puras e brutas de sabedoria, de vivências, de lugares que ainda têm muito para oferecer à investigação em educação”.

(Fátima Marinho - Mestreanda em Ciências de Educação - Administração Escolar)

“O Projecto Arqueologia das Aprendizagens deu-me a oportunidade de contactar com muitos indivíduos diferentes, de várias idades, com várias experiências de vida, e aprender com eles. Tem sido uma experiência muito enriquecedora, a todos os níveis”.

(Ricardo Monginho, Estudante da Licenciatura em Ciências de Educação)

“Tolher o livro das aprendizagens, tem sido pra mim uma viagem no tempo que permite desenterrar a realidade manta da qualificação das pessoas, o currículo oculto mobiliza verdadeiramente o ser humano, porque quando há motivação e paixão, há um trabalho incansável pelo acto educativo”.

(Antónia Leonilda Tobias, Doutoranda em Ciências de Educação) “O Projecto da ‘Arqueologia’ permitiu-me conhecer a geografia das aprendizagens de um concelho com elevado nível de analfabetismo, perceber as condições envolvidas e conhecer pessoas com projectos de vida interessantes”.

(Fátima Carvalho, Súd - Associação para o Desenvolvimento Comunitário)

A minha participação no Projecto Arqueologia das Aprendizagens tem sido uma experiência muito interessante. É de facto bastante importante para o concelho em estudo, mas acima de tudo para as pessoas que nele participam directamente, nomeadamente no que respeita ao reconhecimento das aprendizagens tão diversificadas que pelos investigadores, quer pelos inquiridos, sentindo os limites e possibilidades as suas competências nunca mais são marcadas pelo analfabetismo”.

(Eva Fardato, Súd - Associação para o Desenvolvimento Comunitário)

“...as arqueólogas recolhem e analisam artefactos (...), coisas feitas na diáspora por uma deliberada acção humana. O que se regista ora, (...) em exercício arqueológico, ‘caçar’ as aprendizagens à procura dos seus ‘significados’... Mecanismos uma fonte ‘trazido’ (...). Foi, para mim importante conhecer bem estas ‘berçoças’, (...). Aquelas aprendizagens que tu detivaste nos apresentas. Apresentas passagens de testemunhos crias”.

(Florinda Valada, Técnica Superior de Ciências de Alandroal)



Reunião de trabalho



Aplicação de questionário - Juromenha

Uma das áreas que têm vindo a ser estudada com maior detalhe é o analfabetismo. As experiências têm sido muito interessantes.

A questão do Analfabetismo



Luísa Carvalho
Doutoranda em Ciências de Educação

Os indivíduos analfabéticos inquiridos são, na sua maioria, pessoas extremamente comunicativas, em que os dons da palavra e de bem receber estão bem presentes. Ponto comum entre elas, a tristeza de não saberem ler, nem escrever. Reconhecem que a vida poderia ter sido diferente se dominassem essas competências, mas o que parece trazer mais mágoa é não possuírem a autonomia de ler e escrever o que bem entendem, sem terem de questionar terceiros. Com efeito, a maior parte destes indivíduos, quando tem de realisar alguma tarefa que implique as competências de leitura ou escrita, pede auxílio a familiares ou amigos próximos. Ainda que seja sempre a pessoas da sua confiança, o facto de terem de pedir, de não o conseguirem fazer sozinhos, traz um sentimento de grande descontentamento. Como lembra uma das senhoras inquiridas, quando o marido estava no Ultramar, enviava-lhe cartas, mas ela tinha de as “mandar ler” e depois quem lhe também ficava a saber o conteúdo. Referia ainda, com um misto de tristeza e nostalgia, que também nunca podia responder, à carta, exactamente e como o fazia se a escrevesse pelo seu próprio. Na actualidade, sair das freguesias onde habitam, sombrios e segundo estes indivíduos, complexo, pois nada à sua volta implica leitura, até uma ida ao hospital se torna uma odisséia.

A maioria destes indivíduos não teve oportunidade de aprender a ler e a escrever, em criança, pois ao desejo de ir à escola, sobrepujaram-se, quase sempre, as dificuldades financeiras da família. Já em adultos, as condições de vida também não possibilitaram que, então, aprendessem a ler e a escrever.

Recente realização, no entanto, ao longo da vida, um conjunto de aprendizagens, na sua maioria relacionadas com o desenvolvimento de actividades profissionais, mas também com a vida pessoal e de lazer de cada um, a partir de determinadas estratégias de aprendizagem.

Uma Linha de Investigação que ganha traçado no CIEP

A equipa de investigação do projecto integra o Grupo II do Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora, tem desenvolvido, nos últimos 6 anos, uma panóplia de trabalhos em torno da Educação Comunitária, numa linha de pesquisa denominada por Educação, Território e Desenvolvimento Local. A fronteira da região alentejana encerra, em si, o território de eleição para esta equipa, que tem vindo a marcar presença permanente nesta área científica e territorial. A ideia será tirar uma “fotografia a cores” ao Alentejo que temos, para que possamos olhar para a realidade da qualificação no nosso território, e intervir, em parceria com o poder local com a rede social institucional, na promoção da qualificação das pessoas, contribuindo para a construção de uma renovada noção de Carta Educativa do território. É uma estrutura orgânica de cariz científico, apetrechada de método, rigor, vontade de intervir, e que pretende dar a mão a este atípico objectivo, em parceria com esta cultura única do povo alentejano.

Este grupo de trabalho, tem envolvido a participação de estudantes universitários e do ensino secundário (participação voluntária). Esta participação tem-se revelado um forte contributo para a execução atempada dos trabalhos no terreno, tendo contribuído para a respectiva formação científica dos participantes, com óbvios benefícios para os percursos de aprendizagem individuais.

Contactos:
CIEP - Centro de Investigação em Educação e Psicologia
Universidade de Évora
Apartado 94
7002-354 ÉVORA
Tel: (+351) 266 768 052
Fax: (+351) 266 768 073
Jus@uevora.pt / jardine.nico@direcraoalentejo.gv.gov.pt/jus@uevora.pt